

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

“PLANEJAR PARA INDUSTRIALIZAR”: AS PROMESSAS DE
INDUSTRIALIZAÇÃO EM CAMPINA GRANDE NAS PÁGINAS DO
DIÁRIO DA BORBOREMA (1957-1964)

DANILO RODRIGUES SOUZA

CAMPINA GRANDE
MARÇO DE 2014

"PLANEJAR PARA INDUSTRIALIZAR": AS PROMESSAS DE
INDUSTRIALIZAÇÃO EM CAMPINA GRANDE NAS PÁGINAS DO
DIÁRIO DA BORBOREMA (1957-1964)

DANILO RODRIGUES SOUZA

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História, do Centro de
Humanidades da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
História.

Orientador: Severino Cabral Filho

Campina Grande

2014



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

DANILO RODRIGUES SOUZA

“Planejar para Industrializar”: As promessas de industrialização em Campina Grande
nas páginas do Diário da Borborema (1957-1964)

Monografia Avaliada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Severino Cabral Filho
Doutor em Sociologia pela UFPB
Orientador

Alarcon Agra do Ó
Doutor em História pela UFPE
Examinador

Antônio Clarindo Barbosa de Souza
Doutor em História pela UFPE
Examinador

Dedico este trabalho a todos os familiares e amigos que acreditaram em meu empenho, acompanharam meu esforço, minhas dificuldades e assim, puderam demonstrar verdadeiramente o carinho e amizade que nutrem por mim.

AGRADECIMENTOS

Num equilíbrio de vivências não repetidas, mas aprendidas por alguém que deve tudo que é a pessoas que não mediram esforços para compartilhar o melhor do que são, eu agradeço.

Primeiramente, agradeço à minha família, pela formação e orientação, que fazem de mim o que sou hoje. A eles, devo meu respeito e carinho, minha atenção e cuidado.

Entre os familiares, destaco meu avô e avó, Genival e Joana, que até hoje servem como modelos de homem e mulher dignos e honráveis. Meus tios João, Antônio (em memória) e Fernando, que em minha infância, juventude, e agora, maturidade, orientam e auxiliam meus passos como verdadeiros irmãos. Minha mãe e meu padrasto Maria José e Disraeli, que mesmo entre as diferenças e atritos, estiveram sempre ao meu lado. A meus irmãos mais novos, Disraeli Filho e Maria Clara, os quais vi crescer me permitindo a experiência única de servir como exemplo a eles. A alguns nomes que agora estão distantes de mim, mas que sei bem o quanto sou importante para eles da mesma forma como são para mim, em destaque João e Ildete (avô e avó). Ao meu pai, Lauro (em memória), que mesmo sem muitas oportunidades de tê-lo ao meu lado, me lapidou profundamente como exemplo de homem, amigo, marido, pai, filho, e todas as outras posições que ele ocupou nas vidas e memórias daqueles, que hoje, o lembram.

Ao meu orientador Severino Cabral Filho, dedico um sentimento de agradecimento que não posso mensurar. Sem ele, a confiança e a propriedade com que escrevi este trabalho não existiriam, as oportunidades não se abririam, o lugar que estou hoje, talvez não fosse possível. A ele, o meu profundo respeito.

Aos professores que me acompanharam durante a graduação, os quais tenho como amigos e mestres inestimáveis. Com cada um deles, pude construir um importante pedaço do horizonte que hoje tenho em minha frente.

Aos meus amigos e amigas (sem ordem, nem prioridade) Henrique Henriques, Ítalo Melo, Vladwouguer Bezerra, Davi Hugo e Igor Matheus Rodrigues e

família, Carlos Arthur Nascimento, Matheus Freitas, Dannilo Estrela, William de Melo, Fabíola Fernandes, Karol Lins, Breno Amorim, Darlan Macedo, Rodolfo Almeida, Edifaildo Eudes, Roberta Gerciane, Ronnie Oliveira, João Batista Caetano, Edinete Rodrigues, Elizana Farias, e tantos outros, que em algum momento de minha vida, compartilharam momentos e memórias, que não desisto de rememoralas.

A namorada e amiga inseparável, Mayrla, que tem me dado um suporte emocional importante em momentos difíceis de minha vida. Aquela a quem dedico minhas palavras mais polidas e carinhos mais sinceros. Obrigado meu amor, pela confiança, pela paciência e por nunca permitir que eu fraquejasse em minha vida ou em meus sonhos.

Agradeço também a tantos outros que em minha vida, puderam compartilhar uma conversa sincera, um gesto, incentivo, ou qualquer outra manifestação, que mesmo que impensada, me trouxe até aqui.

Se deixei de lado o nome de alguém, foi pelo simples hábito ou defeito que tenho de esquecer. Pois sei bem que as palavras que aqui escrevo não condensam tudo aquilo que senti ou tudo aquilo que ainda sinto. As palavras, nunca representarão por completo as experiências que pude viver.

É pecado permanecer preso ao passado? Ele parece tão lúcido agora, tão brilhante. Mais real que meus últimos dias. Mais prazeroso também. Quase que a representação do mais perfeito que possa esperar de minha existência pelo tempo que ela ainda possa durar. Minha mente o resgata dentro de um molde iluminado, com as arestas aparadas, deixando-o quase que recortado do céu, ou daquilo que eu tomo como tal. É lá que eu queria agora estar. Com os arpejos de anjos dando um fundo musical aos meus sorrisos. Como diria Erich Maria Remarque no livro "Nada de novo no Front", "a paz destas recordações de outros tempos é a razão pela qual elas nos despertam menos o desejo do que a tristeza: uma estranha e desconcertante melancolia", que nos aperta o pescoço e aflige a alma. Um tormento que qualquer um que tenha um passado, vive ao encarar o presente e os espaços vazios por ele proporcionados. Pois às vezes o passado é tão bom e em nós ainda tão recente, que a gente quer que dele se faça o presente. (Danilo Rodrigues Souza)

RESUMO

Neste trabalho sobre a indústria em Campina Grande, buscaremos as principais mudanças promovidas durante os anos de 1957 e 1964 diante do surto industrial promovido no Nordeste a partir do Governo de Juscelino Kubitschek. Utilizando as representações jornalísticas encontradas nas páginas do jornal Diário da Borborema neste período, buscaremos o contexto político e os discursos modernizantes prometidos para a cidade de Campina Grande por sua elite, que concentrava seus esforços na industrialização do município. Deste modo, enfatizaremos reportagens que apontam tanto para as deficiências como também, para as qualidades que caracterizavam a cidade como possível pólo industrial dentro do estado e da região, assinalando as reportagens que anunciam as necessidades que Campina (como centro urbano) e os campinenses (como potencial mão de obra industrial) precisariam satisfazer para que tais desejos pudessem atravessar o horizonte de expectativas formado. Por consequência, destacaremos também o nome de Newton Rique e o seu empenho em injetar o “desejo de indústria” na sociedade campinense, responsável por uma verdadeira mobilização de todo o município que nele, depositou as esperanças de uma Campina Grande desenvolvida.

Palavras-chave: Indústria; Progresso; Campina Grande.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| I CAPÍTULO: Juscelino Kubitschek e o Nordeste brasileiro: as aspirações de um presidente idolatrado para uma região economicamente deficiente..... | 18 |
| II CAPÍTULO: <i>A Rainha da Borborema</i> se mobiliza: representações de um progresso alavancado pela industrialização | 29 |
| III CAPÍTULO: As visões de progresso de Newton Rique: representações jornalísticas do impulsionador da indústria campinense..... | 43 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| REFERENCIAS | 51 |

INTRODUÇÃO

Durante os anos de 1956 e 1961, o nome de Juscelino Kubitschek para além de presidente da República, também representava uma onda de modernização que prometia atingir todo o Brasil. Através de incentivos nas áreas de industrialização, urbanização e construção de estradas, prometia pôr o país em um ritmo de crescimento nunca antes visto em sua história, graças o seu Programa de Metas, quando cresceríamos “cinquenta anos em cinco”. Com a criação da SUDENE e os crescentes incentivos fiscais para a instalação de indústrias no Nordeste brasileiro, não demorou muito para que Campina Grande também recebesse sua “dose” de modernização.

Aos poucos, a preparação e a implantação de um parque industrial de grande porte na cidade de Campina Grande foram representadas e anunciadas através das páginas do Diário da Borborema, que graças ao seu envolvimento político com Kubitschek na época, não mediu esforços para propagar a todos os campinenses as benesses que tal nível de modernização promoveria na cidade. Gerando certo nível de expectativa em várias esferas da sociedade campinense, há uma mudança considerável no comportamento e na vida dos indivíduos que a constituíam.

Antonio Clarindo Barbosa Souza em sua obra *“Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)”*¹ nos mostra que o Diário da Borborema² se mostrou como um verdadeiro formador de opiniões entre os habitantes da cidade.

Assim, o Diário se transforma logo em suas primeiras edições, em uma forte ferramenta política, sugerindo – e às vezes, afirmando – quais eram os aparatos técnicos necessários para receber as indústrias, os nomes daqueles que se

¹ SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de Doutorado em História. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

² O jornal Diário da Borborema (o termo “DB” faz referência à ele) foi fundado no dia 2 de outubro de 1957, fazendo parte dos Diários Associados, grupo gerenciado pelo jornalista e político paraibano Assis Chateaubriand. Em suas primeiras edições, já indicava os primeiros aparatos para o progresso e modernizações industriais da cidade, veiculando representações jornalísticas sobre os passos necessários para o projeto industrial que a elite campinense aspirava. Ele encerrou suas atividades em 1º de fevereiro de 2012.

encarregariam pela industrialização campinense. Além disso, não deixava de observar as movimentações do governo brasileiro no intuito de promover o progresso nacional a partir da equiparação do Nordeste, vista como a região economicamente mais deficiente do país, à região Sudeste, representada de forma oposta. Nessa busca por um almejado ritmo de progresso, Campina Grande, a “*capital do trabalho*”³, característica chave que a destacou no cenário regional, fez com que aos poucos, uma vasta estrutura comercial se desenvolvesse, tornando propício e quase que “natural” – no discurso das elites locais – que a “*Rainha da Borborema*”⁴ acompanhasse tal promessa de crescimento industrial.

Crescimento este que também era desejado pelas elites campinenses, que promoviam seus discursos e desejos através das principais mídias da época. Discursos que de acordo com Souza⁵, se caracterizavam como civilizadores, disciplinadores e idealizadores de um sistema de códigos, de costumes e de atitudes que deveriam ser tomados como modelo por todos. Boa parte das críticas dos homens de letras da época colocava em contraposição duas Campinas distintas; uma velha, atrasada e vivida por boa parte de seus habitantes, mas que deveria ser esquecida, em detrimento de uma outra, moderna, industrializada e desejada para um futuro próximo, cujo o desenvolvimento econômico vivido pelo recém criado distrito industrial seria o principal impulsionador. Fica claro que os discursos das elites campinenses acabam também sendo influenciados pelos programas nacionais desenvolvimentistas vividos naquele momento.

Desta forma, destacaremos alguns nomes importantes no processo de formação de um parque industrial campinense. Newton Rique, juntamente com seu pai, João Rique, deixavam claro a necessidade de acompanhar esse surto. Responsáveis pelo surgimento de um banco na década de 1920 e por seu sucesso nas décadas seguintes observavam o Plano de Metas do presidente Juscelino com bons olhos. Com o prestígio político e social dos Rique perante a sociedade

³ Um dos epítetos grandiloquentes associadas à imagem de Campina Grande a partir do projeto articulado pelas elites intelectuais e política do município na primeira metade do século seguinte, época de profundas transformações materiais e imateriais resultantes da riqueza gerada pelo “ouro branco”.

⁴ Outro “título” concedido à cidade a partir de sua localização no alto do Planalto da Borborema. Assim, se fundia ao mito fundador de Campina as características que a colocaram como cidade que mais cresce no interior do norte e nordeste do Brasil, formada e habitada por um povo trabalhador e ordeiro.

⁵ Ibidem, p. 37-39.

campinense, é comum encontrar reportagens do Diário da Borborema trazendo sua figura “ilustre” como grande nome para a indústria e o progresso da cidade, mais fortemente com sua candidatura à prefeitura de Campina. Cria-se um grande conjunto de expectativas para o município, que vibra diante das possibilidades de progresso e civilidade vistos em outras metrópoles como São Paulo, que graças a indústria do café, pôde viver reformas urbanas e sociais de grande porte. Assim, se afirmava nas reportagens do DB o desejo de participar do progresso trazido pelo governo de JK, projetando Campina Grande para o cenário nacional.

Quando falamos sobre desejos ou expectativas, devemos nos lembrar dos estudos de Reinhart Koselleck em sua obra *“Futuro Passado”* onde ele explica que, para a construção de uma expectativa para o futuro, deve haver uma ligação com o passado através de uma experiência semelhante já vivida. Assim, para nós historiadores, os sentimentos de recordação e esperança – ou experiência e expectativa – são recorrentes, já que através delas, o próprio conceito de “História” como um vínculo entre o antigo e o futuro se forma. “[...] são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam o passado e futuro”⁶.

Ao pensar tais questões relacionadas ao processo de modernização industrial vivido pela cidade de Campina Grande e seus habitantes, sejam estes trabalhadores ou homens de letras, se torna essencial tecer um diálogo com a vertente historiográfica nomeada de História Cultural; no passo em que um de seus principais focos reside na identificação de como é construída a realidade social de determinado lugar em diferentes momentos históricos. Ao construir um projeto que envolva o diálogo com representações da cidade e de seus agentes, através da História Cultural poderemos avaliar fenômenos urbanos a partir de seus bens e construções culturais, permitindo também a interpretação das cidades graças às práticas e representações sociais.

Para o estudo sobre o conceito de “representação”⁷, seguiremos as percepções apresentadas pelo historiador Roger Chartier. Segundo o autor, as

⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 308.

⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 19.

representações adquirem diversos sentidos graças às realidades sociais em que estão inseridas. Por isso, a construção das mesmas não segue discursos neutros, mas sim, subjetividades daqueles que as forjaram, a partir do ir e vir de interesses, estratégias e práticas que funcionam de acordo com seu tempo histórico. Analisar e trazer à tona tais representações exige de nós, historiadores, certo nível de destreza na identificação dos símbolos que as compõem.

Já para Sandra Jatahy Pesavento⁸, as representações são bem mais profundas do que aquilo que está à mostra ao levar-se em consideração também o momento histórico e o contexto social de suas construções. Ao utilizar as representações na produção de um saber histórico, conseguimos perceber a forma como os homens expressaram seus mundos. Assim, construir uma representação a partir de outras representações faz com que nossas reflexões sejam feitas a partir das práticas vividas pelo indivíduo em seu tempo.

Tanto historiadores como pesquisadores de outras áreas afins já escolheram como tema de pesquisa as cidades e suas diferentes representações em um momento específico e importante da história da Paraíba. Analisados sob diferentes prismas teóricos e metodológicos, esses pesquisadores têm buscado dar respostas a temas cadentes que ainda hoje são um desafio, ao proporem questões que trabalham nossa constituição social, econômica e cultural.

Em relação às fontes, muitos pesquisadores sociais contemporâneos⁹ já se distanciaram das possíveis desconfiâncias que possam existir em relação aos materiais vindos da imprensa para a pesquisa, mesmo que seja impossível negar que ao longo do desenvolvimento da história, os periódicos, como meios de informação, viram-se impregnados por relações de dependência com pessoas ou instituições de poder, sejam estes de caráter econômico, político ou sociocultural.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

⁹ Conferir BARBOSA, Maria José Lira. *Um projeto que (não) deu certo: estado desenvolvimentista e industrialização – Estudo da indústria Wallig Nordeste S/A: Campina Grande – PB*. Dissertação de Mestrado em História. UFPE, Recife, 1991; BARRETO, Maria Cristina Rocha. *Imagens da Cidade: a idéia de progresso nas fotografias da cidade da Parahyba (1870-1930)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1996; CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de Doutorado. João Pessoa, UFPB/PPGS, 2007; FERNANDES, Silvana Torquato. *Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960-1980)*. Dissertação de Mestrado, PPGH/UFPE, 2011; SOUSA, Fábio Gutemberg R. Bezerra. *Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande – (1920-1945)*. Tese de Doutorado em História. Campinas, Unicamp, 2001.

Dessa maneira, a imprensa acaba muitas vezes funcionando como intermediária na transmissão dos ideais dessas instituições e pessoas, promovendo seu poder na sociedade.

Esses trabalhos nos apontam que o documento histórico oriundo da imprensa não pode ser considerado o reflexo da realidade, mas o lugar onde há uma representação do real. Ao se trabalhar com notícias de jornais, deve-se ficar atento à subjetividade dos redatores e do corpo editorial responsável pelo material trabalhado. Ora, todo autor está ligado a sua classe social e ao seu momento histórico, portanto aí reside a impossibilidade de sua imparcialidade, pressuposto básico que conduziu uma vez a pesquisa positivista. Logo, cabe ao historiador identificar as minúcias e características que validem a autenticidade do documento e seu valor historiográfico para a pesquisa.

Diante disto, podemos perceber que durante muitos anos a utilização da imprensa como fonte de estudo para pesquisas em história, foi deixada de lado, tendo seus discursos considerados “manipulados” e “manobrados”. Como mostra Tania Regina de Luca, “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado” já que eram “realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”¹⁰. Mas com a Escola dos Annales, a partir de sua terceira geração mais especificamente¹¹, há uma busca por novos horizontes de pesquisa, ocasionando também a possibilidade do historiador de se valer de novas fontes históricas. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, acaba sendo reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época.

Todas as mudanças paradigmáticas que ocorreram no seio das chamadas Ciências Sociais abriram muitas perspectivas ou possibilidades de usos de informações buscadas nos mais diversos veículos, capazes de fornecer aos pesquisadores indícios para a realização dos seus trabalhos de forma que, contemporaneamente, os pesquisadores não mais se sentem constrangidos a coletarem junto à produção da imprensa pistas que ofereçam meios para significarem os seus objetos de estudo.

¹⁰ LUCA, Tânia Regina. *A História dos, nos e por meio dos periódicos*. In PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p. 112.

¹¹ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: 1929-1989: a Revolução Francesa da Historiografia*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

Com a leitura e o estudo sobre o tratamento de arquivos e fontes para a pesquisa histórica, ficou claro que para a produção de um saber historiográfico, é necessária a utilização de fontes a partir das quais o nosso discurso se construirá. Para este ofício, nos valem dessas fontes que formam o chão do passado por onde pretendemos caminhar. Vestígios de uma época, espaço e sociedade que só temos noção de sua existência graças a estas marcas que permaneceram no tempo. Como um detetive que precisa das pistas para desvendar um crime, o historiador se vale de suas fontes para representar o passado.

A exploração de imagens fotográficas como também o uso de escritos jornalísticos, parte de uma riqueza documental, podem se constituir para o historiador, dentro de uma metodologia capaz de permitir a atribuição de significados às representações ali já contidas, como importantes fontes de produção de história, diversificando o passado. As imagens fotográficas como também as imagens presentes na literatura jornalística serão observadas como indício histórico dentro, é claro, de uma análise minuciosa do contexto e das condições históricas de sua produção. Para produzir história hoje, é imprescindível observar, com cuidado, também a recepção dada a tais imagens dentro deste tempo e lugar destacado.

Desta forma, recorremos ao historiador brasileiro Boris Kossoy, no que tange ao uso das fotografias como documentos valiosos para o fazer histórico. Ele leva nossos olhos para a importância de analisar as imagens fotográficas – assim como qualquer outro tipo de documento – mantendo sempre em nosso horizonte de expectativas que elas não podem ser tidas como testemunhas inquestionáveis de um fato. Sendo apenas um *“fragmento congelado de uma realidade passada (...)”* é também o *“produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos”* ¹². Deve-se ater-se ao fato de que para além de sua representação *“fiel”*, vista quase como um *“espelho da realidade”*, ela foi produzida por alguém em seu tempo e espaço. Nela encontramos escolhas e recusas, ambigüidades em seus significados que só podem ser montados dentro de uma séria contextualização com seu momento histórico.

Buscando as linhas tênues que definiram o *“para quem?”* e o *“para quê?”* aquela imagem foi construída. Deve-se interpretá-las tendo em vista que antes

¹² KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo, Ática, 1989, p. 22.

mesmo do chamado filtro cultural usado pelo historiador que as observa – valendo-se de suas experiências, valores e noções de tempo e verdade para elaborar uma narrativa sobre a mesma – entrar em cena, há também um filtro cultural de quem a produz. Pois, como Kossoy nos mostra, as informações históricas contidas nas linhas e cores da imagem fotográfica são antes de tudo resultado final da atuação do fotógrafo, que como indivíduo pertencente a seu tempo e lugar, se concentrou em algum assunto, evento ou fato especial e utilizou a tecnologia disponível em sua época para registrá-lo devidamente. Assim, cabe ao historiador analisar e articular estes elementos dentro de um contexto histórico, que permitirá a elaboração de suas representações¹³.

Assim, analisando as imagens escolhidas e produzidas para ilustrar as reportagens que anunciavam os preparativos e a chegada da modernização industrial em Campina, metodologicamente nos valem do chamado “*paradigma indiciário*” proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. O autor em sua obra “*Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*”¹⁴ trabalha tal conceito interligando-o ao conceito de semiologia médica (as bases do diagnóstico clínico), caminhando desde os escritos do crítico de arte e médico Giovanni Morelli, atravessando os contos de Arthur Conan Doyle¹⁵ (também médico e criador de Sherlock Holmes), alcançando os textos do psicanalista Sigmund Freud.

Aproximando tais obras e estudiosos, Ginzburg percebeu um pequeno fio que se arrastava tanto na análise das pinturas que Morelli desenvolveu ao se concentrar nos “*pormenores negligenciáveis*”, na perspicácia de Sherlock ao solucionar crimes impactantes a partir de “*indícios imperceptíveis para a maioria*” e nos métodos que instituíram a psicanálise freudiana, ciência que recorre aos “*detritos*” e “*refugos*” de nosso olhar para penetrar no concreto e oculto do nosso ser. Esses escritos possibilitariam a criação de uma fórmula interpretativa onde o detalhe e o secundário – ou na linguagem médica, os sintomas e os indícios – permitiriam a nós, historiadores, apreender realidades distantes de nós historicamente de forma mais

¹³ Ibidem, p. 24-26.

¹⁴ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo, Cia. das Letras, 1980.

¹⁵ Atentar para o conto “*A caixa de papelão*” presente no livro “*Memórias de Sherlock Holmes*”, onde Conan Doyle deixa clara a influência da medicina e de seu método semiótico para a resolução do crime, quando Holmes ao observar a anatomia humana, mais especificamente do formato da orelha, consegue elucidar o caso em questão.

tangível. Claro que aqui não procuramos o real, o verdadeiro e o inquestionável do qual outrora a História se ocupou. Ginzburg propõe uma aproximação do real, o observar e representar de experiências plausíveis, que podem ter acontecido; a substituição da verdade pela verossimilhança.

Diante do exposto, buscaremos as representações presentes nas reportagens do jornal Diário da Borborema no intuito de analisar a mobilização do governo federal encarnado na figura de Juscelino Kubitschek para empreender um desenvolvimento econômico nos estados nordestinos, na promessa de equilibrar o país movendo-o em direção a promessa de progresso acelerado.

Observando a realidade da Paraíba, em especial, de Campina Grande, analisaremos também, diante do surto industrial promovido no Nordeste, as reportagens que enunciam as mobilizações feitas pelo poder público local em direção a este desenvolvimento nacional. Debruçando-nos sobre o jornal Diário da Borborema em suas edições que vão de 1957 a 1964, buscaremos entender o papel do industrial e político Newton Rique dentro da dinâmica social de Campina, onde o esforço da família Rique em injetar o *“desejo de indústria”* na *Rainha da Borborema* e em sua população, promoveu uma verdadeira mobilização do município. Assim, apontaremos as reportagens que anunciam as necessidades que Campina (como centro urbano) e os campinenses (como potencial mão de obra industrial) precisariam satisfazer para que tais desejos pudessem atravessar o horizonte de expectativas formado.

CAPÍTULO I

Juscelino Kubitschek e o Nordeste brasileiro: as aspirações de um presidente idolatrado para uma região economicamente deficiente

1.1 –“Nordeste, calcanhar de Aquiles de J.K.”: O mito de um governo de grandes vitórias e grandes sacrifícios.

Juscelino Kubitschek de Oliveira, ou “JK”, como era conhecido nacionalmente, tem seu nome gravado na história do Brasil como um dos maiores impulsionadores do progresso econômico vivido durante o fim da década de 1950 e início de 1960. Para além de ser responsável pela construção de uma nova capital federal, Brasília, trazendo à realidade um antigo projeto há muito desejado por governos anteriores: a mudança da capital federal do Brasil para promover o desenvolvimento do interior do Brasil e a integração do país, conseguiu durante os anos de seu mandato como presidente da República, compreendidos entre 1956 e 1961, levar o Brasil a experimentar um período de notável desenvolvimento econômico e relativa estabilidade política. Adotando um estilo de governo inovador na política brasileira até então, Juscelino construiu em torno de si uma aura de simpatia e confiança entre os brasileiros, que cada vez mais depositavam no nome de JK, as esperanças de um país melhor, desenvolvido e industrialmente maduro.

Desta forma, a principal característica apontada por Maria Victoria de Mesquita Benevides¹⁶, em seu livro *“O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política”*, que compôs a imagem da economia desenvolvida pelo Brasil no governo de JK, foi a consolidação da industrialização, tendo os fios soltos que um desenvolvimento neste sentido promove (déficit do balanço de pagamentos, inflação, etc.) amarrados em prol do desenvolvimento nacional. Todas estas condições, construídas em torno do chamado *“Programa de Metas”*, um plano desenvolvimentista construído sob um conjunto de 30 objetivos¹⁷ a ser alcançados em diversos setores da economia sendo adicionado no último

¹⁶ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 33.

¹⁷ Como ilustra a reportagem do Diário da Borborema *“O que são as metas do presidente Juscelino Kubitschek”*, do dia 4 de fevereiro de 1958, página 3.

instante mais uma meta, a 31ª, chamada de “*meta-síntese*”, concretizando seu trabalho ao construir Brasília e transferir a capital federal.

Observando o requinte deste programa, não se pode dizer que esta fosse a primeira experiência de Juscelino de governar com base num plano de desenvolvimento. Guardadas as devidas proporções, como governador de Minas Gerais de 1951 a 1955, JK já tinha elegido o binômio energia e transportes como metas de desenvolvimento para a sua gestão.

Assim, Juscelino se tornou o primeiro presidente do chamado período “populista” da política brasileira a concorrer às eleições presidenciais com um programa de governo permeado com propostas claras de atuação. Inserido à chamada corrente nacional-desenvolvimentista, de caráter liberal, Kubitschek trabalhava sob a perspectiva de uma ideologia de superação do subdesenvolvimento brasileiro, onde todo o atraso econômico vivido pelo país (tendo como espelho de comparação outras nações, como os Estados Unidos) seria revertido através da famosa proporção de “*cinquenta anos em cinco*”, sendo este último o tempo previsto para seu mandato.

Seu Programa de Metas, desta forma, se constituiu em um ambicioso conjunto de objetivos setoriais, que promoveria a continuidade do processo de substituição de importações que se vinha desenrolando nos dois decênios anteriores. Sendo o composto mais importante de sua bandeira de campanha eleitoral, constituiu o mais completo e coerente conjunto de investimentos até então planejados na economia nacional. O plano, que contemplou de forma marginal os setores agrícolas e pecuários do Brasil, delineava fortes metas tanto para o setor público como para o privado, sendo consideravelmente bem-sucedido, impulsionando um período de crescimento econômico acelerado, à custa de um alto endividamento público. Desta forma, não era nada estranho encontrar reportagens¹⁸ que ilustravam a entrada de capital estrangeiro, utilizado prioritariamente para suprir as necessidades que tal ambição exigia.

¹⁸ Reportagens bastante icônicas para este momento seria a veiculada pelo Diário da Borborema no dia 19 de Novembro de 1957 intitulada “*Mais de trezentos milhões de dólares para nossa industria automobilística*”, que ocupou a capa da edição, ou uma publicada pelo diário no dia 11 de Abril de 1961 com título “*Dez milhões de dólares para acelerar o progresso do Nordeste*”, também manchete de primeira página.

Levando em consideração o ano de 1956, encontramos a economia brasileira num quadro de enormes desequilíbrios, onde grandes déficits fiscais eram agravados por dificuldades de financiamento externo. Mesmo diante disso, Juscelino se orientou a partir de um conjunto de políticas públicas heterodoxas, fugindo do que seria lógico para a situação, aumentando o gasto público apesar dos graves percalços vividos pela economia brasileira.

Escolhendo pelo crescimento em detrimento da estabilidade, ganhando ares desenvolvimentistas, JK mostrava posturas que iam de encontro com as próprias recomendações feitas pelo FMI à época, diferindo do posicionamento da maioria dos países latino-americanos. Como consequência, houve um apelo muito forte do governo ao nacionalismo, onde um discurso de país forte e progressista foi construído, trazendo para junto de sua meta, o povo brasileiro. Sendo assim, não era difícil encontrar entrevistas dadas pelo presidente JK que remetessem a este discurso.

“(...) somos uma Nação jovem, que encara o futuro com serena confiança e que não se vê alentada apenas pelo rico impulso vital que a juventude por si mesma trás às Nações como aos homens. (...) o Brasil caminha para o futuro a passos resolutos, seguro de possuir tudo o que faz o poder e a grandeza dos povos, salientando as reservas imensas que Deus pôs nas nossas mãos. Há um desejo incoercível’ (...) de prosperar e progredir; uma aptidão e um vigor que já não podem ser postos em dúvida. (...) A marcha de um povo para um grande destino não se faz sem sacrifícios, sem obstinadas pelejas e o Brasil não se eximiu desses sacrifícios e nem dessas pelejas”¹⁹.

A construção de uma imagem de predestinação do Brasil para seu futuro grande e altivo põe seu líder – nesse momento, o próprio JK – como responsável por tal conquista. Apontando as grandes reservas existentes em nosso território, constrói o argumento onde se torna quase que “natural” que o país caminhasse em direção a uma posição de destaque. Trás também para as mãos do povo brasileiro, uma boa dose de responsabilidade sob as conquistas do país, onde os sacrifícios vividos pela nação e sentidos por sua população, não seriam em vão diante das possibilidades de crescimento. Misturavam-se as expectativas de um futuro melhor depositadas no desenvolvimento econômico prometido pelas diretrizes do Programa de Metas e a

¹⁹ Diário da Borborema, Campina Grande, 1º de Janeiro de 1958, p. 1.

aceitação de um destino já certo para o Brasil, onde não cabia outra condição, se não o progresso.

Benevides²⁰, neste sentido, aponta que tal atitude se afirmou como um esforço de “racionalidade”, observando as necessidades prioritárias para aplicação do Programa de Metas, que dificilmente teria logrado e edificado a imagem pública positiva com a qual JK passou para a história, sem que tal “sacrifício” econômico fosse atravessado.

O Brasil, agraciado com a perspicácia de seu presidente, construiu um mito, que acompanhou desde então o nome de JK. Um altivo lutador do progresso brasileiro, um homem de pulso firme, quase que uma fábula de heróis, nas palavras de Abelardo Jurema, que em seu livro “*Juscelino & Jango – PSD & PTB*”, escreve:

Pode-se dizer que o nome *Kubitschek* nasceu e criou-se com ele. Deu grandeza ao nome, deu-lhe tradição de civismo e de bravura, deu-lhe coragem moral e mesmo cívica, deu-lhe inteireza máscula na roupagem simples de um dos mais densos personagens da história brasileira. Na sua determinação, que já se confundia com uma predestinação, Juscelino Kubitschek não recebeu aquelas posições mais altas da República como um “prêmio” nem como coisas da sorte. Conquistou-as todas com luta, às vezes até dramática, de conseqüências ameaçadoras ao seu próprio destino como pessoa humana²¹.

A supervalorização da figura do presidente é clara. Numa literatura do final dos anos 70 que é a obra de Jurema (1979), permanece uma imagem fortemente construída pela imprensa daquele momento. Era a promessa de algo nunca antes atingido na história do Brasil: abrir espaço e incentivar a indústria nacional, com ênfase na automobilística e de base; aumentar a capacidade de produção de energia; reformar e ampliar toda a estrutura de transporte ferroviário e rodoviário, concretizando toda a monumentalidade do projeto ao conceber Brasília. Se pensarmos bem, foram muito mais que cinquenta anos de desenvolvimento econômico em apenas cinco.

²⁰ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 233.

²¹ JUREMA, Abelardo. *Juscelino & Jango: PSD & PTB*. Rio de Janeiro: Artenova, 1979, p. 55.

Juscelino com seu Programa de Metas, como aponta Rosilene Dias Montenegro²² em seu trabalho *“Juscelino Kubitschek: mitos e mitologias políticas do Brasil moderno”*, “permitiu, de imediato, o combate à tendência de estagnação da economia brasileira”²³, constantemente fragilizada pela exportação de apenas um produto (o café).

Montenegro prossegue esclarecendo que o fascínio construído ao redor do governo de Juscelino, para além da estabilidade e pelas consideráveis mudanças na economia e na política do país, está exatamente em “realizar seu projeto de governo mediante um contexto histórico de tão intensa crise”. Como também aponta Benevides, “o começo e o fim do governo são marcados por fortes crises”, ambas de “naturezas diversas”²⁴.

O Plano de Metas aparece como a melhor forma de resolução da crise, juntamente com as reformas econômicas promovidas por ele e pela habilidade política de Kubitschek em conciliar diversos interesses em questão, sendo este último, visto como o principal diferencial na resolução das variadas crises políticas atravessadas.

Mesmo observando a estrutura rigorosa da historiografia desta época que empreendeu grandes esforços no sentido de afastar percepções do campo subjetivo em suas escritas, Montenegro destaca que há ainda assim um inquestionável fascínio pela personagem de JK e por seu governo. O anseio social em viver tempos prósperos, onde sonhos de felicidade e modernidade somaram-se ao planejamento político, ao programa desenvolvimentista e a uma ideologia persuasiva, construiu desta forma o que a autora traz como o mito do presidente Juscelino.

Mas pensar o governo de Kubitschek como a resolução de todos os problemas da economia e da política brasileira chega quase à ingenuidade. Não são poucos os sacrifícios e os malefícios deixados pelo “presidente do progresso”. A concentração de riquezas, cada vez maior na região do Sudeste, o aumento da dívida externa graças aos inúmeros empréstimos realizados e a crescente

²² Ibidem, p. 80-81.

²³ MONTENEGRO, Rosilene Dias. *Juscelino Kubitschek: mitos e mitologias políticas do Brasil moderno*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 2001, p. 78.

²⁴ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 49-50.

desvalorização da moeda brasileira, eram apenas algumas das dificuldades enfrentadas por JK. Atendo-nos à concentração da economia brasileira na região Sudeste, é observado que a região Nordeste e seus problemas infimamente amenizados ao longo da história brasileira acabam sendo deixados de lado, se tornando o “tendão de Aquiles” do presidente, de acordo com Ademar Vidal, escrevendo para o Diário da Borborema na página política.

Este problema das terras secas do Nordeste precisa ser resolvido. Grita por solução definitiva. Há séculos que periodicamente a nação ouve o clamor de uma área batida por fenômeno climatérico insuportável. É preciso que se conheça o fato para se fazer idéia justa. Os que ignoram o drama, dele tendo conhecimento através da imprensa, julgam haver exagero nos ‘resultados’, mas nem sabem que apenas se trata de uma ‘realidade ainda distante’. Porque só se vendo para se julgar. [...] O que, todavia, se torna inadiável é a solução, não sendo aconselhável que continue o ‘status quo’ atual por certo que inconcebível. Num momento em que os países do mundo estão procurando efetuar obras monumentais, sendo que em alguns deles lá se constata essa preocupação enérgica, podendo-se indicar o Brasil na sua linha-sul, deve-se esperar que o Nordeste veja também resolvida uma situação aflitiva que até agora seus bons filhos têm feito todo o possível por atender a solicitações materiais e imperiosas. O governo de JK sem dúvida que tem feito muito noutros recantos do país. E não basta mandar dinheiro para amenizar o sofrimento dos nordestinos porque esse dinheiro logo voltara as fontes de onde partiu. [...] O desenvolvimento do Nordeste conduz imposições inadiáveis. Chegou ao ponto de não se poder mais deixar para amanhã sem arcar a Nação com resultados perigosos. [...] Presidente JK tome conta do Nordeste com as decisões de que se revele tão capaz, faça com ele o que tem feito em outros lugares, resolva o seu problema angustioso, está na hora, não pode mais esperar que o caos poderá vir. Não foi sem sabedoria que um ágil comentarista tomou a liberdade de adverti-lo achar-se no Nordeste o calcanhar de Aquiles do seu Governo.²⁵

Observando tal reportagem veiculada no Diário da Borborema, percebe-se a emergência com que se clama a atuação do Governo de JK. Exigindo não estradas de rodagem, indústrias e ajudas financeiras, mas sim, o atendimento a questões básicas deixadas de lado pelo plano desenvolvimentista do presidente.

Nesse contexto, é importante também frisar a imagem pela qual o Nordeste já era identificado, normalmente ilustrada como aquela região periodicamente assolada pelos malefícios da seca. Observando a literatura da época, vemos que de 1926 aos

²⁵ Diário da Borborema, Campina Grande, 19 de Fevereiro de 1959, p. 3 e 6.

anos 1930 o movimento regionalista já delineava as condições de vida dos nordestinos nas suas representações sobre a seca, a pobreza e as estruturas políticas perversas e resistentes aos novos tempos, como o coronelismo. Na década em questão, 1950, há o registro de duas secas rigorosas. A primeira delas ocorre em 1952 e, na música popular, inspirou a canção “Vozes da seca”, de autoria de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, com a qual protestam em verso por uma ação mais efetiva dos políticos para o Nordeste²⁶.

Tais versos da canção dirigem-se aos políticos da época. Existe neles uma distinção clara entre o Norte e Sul, ou entre nordestinos e *sulistas*, onde estes últimos auxiliam seus irmãos menos abastados através de esmolas. Continua com um agradecimento nordestino pelas ajudas, ao mesmo passo que protesta, mostrando que destas esmolas o Nordeste não precisa mais, sendo apenas ações paliativas e amenizadoras de um problema real. Necessitava-se de ações concretas, que não desmerecessem a imagem do nordestino, denunciando a responsabilidade política do governante.

Já em 1958, o Nordeste novamente vive mais uma grande seca, nas mesmas proporções da anterior. Conseqüentemente, os governadores recém eleitos em 1959, ao mesmo passo de acompanhar o discurso desenvolvimentista de Juscelino, clamavam em coro sobre o esquecimento que tal região vinha vivendo por parte do governo. A seca, “*este fenômeno climatério insuportável*” como é representada através da reportagem do Diário da Borborema, se tornava um problema mal entendido, onde suas soluções se tornavam igualmente ineficientes. Como aponta novamente a reportagem, “*os que ignoram o drama, dele tendo conhecimento através da imprensa, julgam haver exagero nos ‘resultados’*”²⁷.

Às secas, caracterizadas como um mal inevitável, o governo não apresentava um plano eficaz para o seu efetivo combate. A região Nordeste se apresentava

²⁶“*Seu dotô os nordestinos/Têm muita gratidão/Pelo auxílio dos sulistas/Nesta seca do Sertão/Mas dotô uma esmola/A um homem qui é são/Ou lhe mata de vergonha/Ou vicia o cidadão/ É por isso que pedimos/Proteção a vosmicê/Home purnóisesguido/Para as rédias do podê/Pois Douro dos vinte Estados/Temos oito sem chuvê/Veja bem, quase a metade/Do Brasil ta sem cumê/ Dê serviço a nosso povo/Encha os rios de barragem/Dê cumida a preço bão/ Não esqueça a açudagem/Livre assim nós da esmola/Qui no fim dessa estiagem/Lhe pagamointé os juru/Sem gastar nossa coragem/ Seu doutô fizer assim/Salva o povo do Sertão/Quando um dia a chuva vim/Que riqueza pra nação/Nunca mais nois pensa em seca/Vai dá tudo nesse chão/Cumo vê, nosso destino/Mecê tem na vossa mão.*” Luiz Gonzaga e Zé Dantas. *Vozes da Seca*, 1953.

²⁷ Diário da Borborema, Campina Grande, 19 de Fevereiro de 1959, p. 3 e 6.

como a mais atrasada do Brasil, e a construção de uma nova capital não iria remediar tais dificuldades. O Sul como a região do progresso nacional, da indústria e do “futuro” da nação se sobrepõe, causando um desequilíbrio em um governo de mudança.

1.2 – “O problema do Nordeste é muito mais grave do que mostram as estatísticas”: uma região precária sabotando o “país do futuro”.

No intuito de sanar um considerável mal em sua caminhada de desenvolvimento e construção de sua almejada capital, Juscelino Kubitschek convoca uma reunião com seus principais auxiliares, onde o nome de Celso Furtado se destaca. Um dos diretores do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDE), Furtado expõe sobre a ineficácia das resoluções do governo em relação a açudagem do Nordeste, apontando como principal causa a manipulação de interesses que vinha movendo as ações do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) a partir da oligarquia local, valendo-se de poderes públicos para embasar seu poder privado.

Apresentando as estatísticas que compreendiam o quadro regional naquele momento, Celso Furtado apontou como uma boa solução uma política para o desenvolvimento econômico daquela região, no lugar de ações incipientes e insatisfatórias. Assim, a ação do governo priorizaria a criação das bases para a industrialização e o aumento da oferta de alimentos. Juscelino então procede incumbindo Furtado de tomar as providências para lançar a nova política para aquela região, a qual ele chama de “*Operação Nordeste*”, também conhecida como *Openo*.

Abria-se, para o horizonte econômico do Nordeste uma nova possibilidade de crescimento, onde as esperanças de um povo maltratado pelas secas se tornariam realidade a partir do incentivo à indústria regional, de acordo com Eptácio Soares na página política do Diário da Borborema:

Não temos indústria, e porque não as temos ainda desperdiçamos uma porção de matérias primas que, se industrializadas, contribuiriam com um volume apreciável, para a melhoria das condições de vida do povo. Numa tal situação, as esperanças do nordestino voltam-se agora para o plano de desenvolvimento da região que o governo federal está pretendendo empreender, e para cujos estados foram convocados já os governadores de todos os Estados do Nordeste. O fundamental é que esse plano, organizado pelos técnicos do Grupo de Desenvolvimento do Nordeste, tenha consistência e que os créditos destinados à sua aplicação venham a ser pulverizados depois em obras que não sejam de caráter reprodutivo. Estamos cansados demais para continuar tolerando por tanto tempo a demagogia dos políticos que ousam quere enganar-nos com tiradas líricas, sobre as condições de pobreza de novo povo. A hora que vivemos é de ação e trabalho conjugado de todas as forças vivas e atuantes, no combate ao subdesenvolvimento do Nordeste.²⁸

Tais soluções estavam num patamar maior que a promessa de indústria do milagre econômico de Juscelino e para além da construção de uma capital federal no interior do Brasil, unido um país com regiões tão segregadas. Representava, segundo o discurso do economista Celso Furtado, a solução real para um problema que assolou o Nordeste com fome e miséria por tanto tempo, sem que o poder público “aprendesse” a conviver com um mal inevitável. A seca e suas conseqüências nas vidas dos nordestinos, avaliadas pela Operação Nordeste, como nunca antes na história política do país, permitiu a criação de um verdadeiro compromisso do governo federal com o Nordeste, como aponta a reportagem “*O problema do Nordeste é muito mais grave do que mostram as estatísticas*”, na capa da edição:

Reconhece o economista que o Nordeste tem que viver com as secas. Deve criar uma economia adaptada para a região semi-árida, sem criar para o país e para si mesmo o espetáculo da indigência. “Como economista e depositando fé nos homens públicos do Brasil, tenho a convicção de que estamos em condições de dizer que viemos a esse centro para mudar o curso dos acontecimentos, abrindo uma nova era para o desenvolvimento do Nordeste.”²⁹

Como conseqüência desta nova abordagem do governo, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) é criada através da Lei Nº 3.692, de 15

²⁸ Diário da Borborema, Campina Grande, 17 de Janeiro de 1959, p. 3.

²⁹ Diário da Borborema, Campina Grande, 18 de Fevereiro de 1959, p. 1 e 4.

de dezembro de 1959³⁰, como forma de intervenção do governo federal no Nordeste, com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento desta região. Benevides³¹ aponta o “caráter eminentemente político da criação de um órgão de planejamento regional no Nordeste, subordinado diretamente ao governo central”, se traduzindo na “necessidade de centralização do poder para retomar o controle político de uma região que, além de apresentar graves tensões sociais e políticas”, já apresentadas pelo discurso de Celso Furtado. Trazia-se para dentro do controle do presidente JK uma região arredia ao seu desenvolvimentismo.

Sua instituição envolveu, antes de qualquer coisa, a definição do espaço compreendido pelo Nordeste, passando a ser objeto da ação governamental. Os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e parte de Minas Gerais, formando um espaço equivalente a quase 20% do território brasileiro, abrigou, em 1960, cerca de 16 milhões de habitantes, o que correspondia a 30% da população brasileira de acordo com o censo demográfico do IBGE³².

Assim, a SUDENE foi criada como uma autarquia diretamente subordinada à Presidência da República, cabendo ao economista Celso Furtado seu comando de 1959 a 1964. Grande parte da estratégia de atuação do órgão foi definida a partir do diagnóstico posto pela publicação da “*Operação Nordeste*”³³, onde as diretrizes adotadas tiveram como objetivo principal suprir a falta de coordenação entre os órgãos federais existentes. Desta forma, a Superintendência deveria ser um órgão primordialmente de planejamento, principal coordenador das políticas públicas que fomentariam o desenvolvimento no Nordeste. Com estas condições, nada mais justo que houvesse uma aceitação da atuação da SUDENE por parte da população, mas sob condições claras de trabalho, como aponta a reportagem de 18 de junho de 1958, “*Ainda sobre industrialização do Nordeste*”, do Diário da Borborema:

³⁰ BRASIL. *Lei Nº 3.692, de 15 de dezembro de 1959*. Publicada no Diário Oficial da União – Seção 1 em 16 de Dezembro de 1959.

³¹ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 233-234.

³² IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico: resultados preliminares*. Rio de Janeiro, 1960.

³³ FURTADO, Celso. *A operação Nordeste*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959.

Somos pela industrialização e acreditamos nela como elemento de regeneração econômica desta zona. Mas somos também pela agricultura, partindo do princípio de que os maiores países industriais do mundo, como os Estados Unidos, são também grandes países agrícolas³⁴.

A SUDENE surge então da necessidade de desenvolver economicamente a região Nordeste, trazendo consigo a percepção de que, com o processo de industrialização acentuando as diferenças econômicas entre o Norte e Sul do país, se fazia de suma importância, então, intervir diretamente na região, guiada pelo planejamento, entendido este como caminho fundamental para o desenvolvimento.

Concretizada em uma instituição, a esperança de uma verdadeira mudança no contexto econômico e político nordestino era prometida. Uma industrialização emergida de reformas que viabilizassem a convivência e a solução para as dificuldades já existentes. Criava-se, assim, uma promessa de melhores dias para o Nordeste. Conseqüentemente, o Brasil do progresso e do desenvolvimento de Juscelino Kubitschek poderia então ser edificado.

³⁴ Diário da Borborema, Campina Grande, 18 de Junho de 1958, p. 3.

CAPÍTULO II

A Rainha da Borborema se mobiliza: representações de um progresso alavancado pela industrialização

2.1 – “Campina Grande, porta do sertão e centro de trabalho incansável: fruto do esforço de seu povo ativo a grandeza da terra”.

Em Campina Grande, um “ar” de grandeza é respirado por sua população, que não tem dúvidas da importância de sua cidade dentro do Nordeste. Economicamente, a história deste município se constrói apresentando como estrutura basilar o comércio e os serviços, atendendo a uma demanda regional. Em seu mito fundador, lugar de repouso para tropeiros; em seguida, uma feira de gado e mercadorias que já a despontava dentro do contexto nordestino; em seu mito “edificador”, apresenta um grande salto de desenvolvimento devido as atividades tropeiras e ao crescimento da cultura do algodão e seu comércio outorgando um dos primeiros “títulos”³⁵ de Campina Grande, chegando a ser a segunda maior produtora de algodão do mundo.

Ao longo dos anos, de *Rainha da Borborema* e “*capital do trabalho*”, se construiu também uma expectativa de progresso com a cidade. Campina era a promessa de avanço que destacaria a Paraíba no contexto brasileiro. Observando o desejo de indústria no Nordeste, Campina não ficaria de fora. O domínio do comércio, onde sua “*galhardia*” já não podia ser apresentada como antes, demandava uma renovação na economia campinense.

Os observadores da vida campinense vêm notando, não sem certo pessimismo, que já não poderemos manter com a mesma galhardia de antes o domínio do comércio nordestino. De longa tradição, Campina Grande foi o maior empório comercial do Nordeste interior. Ainda podemos ostentar, com justo motivo de orgulho, o título de

³⁵ Dentro deste contexto histórico, Campina Grande ganhou o nome de “Liverpool brasileira”, em referência à cidade inglesa que detinha o título de maior produtora de algodão no mundo.

cidade de mais intensas atividades comerciais na região que se estende até recuados rincões dos Estados vizinhos. Mas as estradas de rodagem vararam o sertão de dentro adentro, ligaram cidades mais distantes aos centros consumidores do Sul, e eis que os negócios, até bem pouco tempo quase obrigatórios em Campina Grande, ampliaram consideravelmente o seu círculo e começam a fazer-se fora da órbita de interesses de nossa cidade. Dentro desse panorama, não é sem razão que se receia venha a ser o ponto central de nosso desenvolvimento – o comércio – sacudido mais fortemente pela dispersão dos negócios realizados diretamente de outros centros com praças estranhas, agravada – essa dispersão – pela crise generalizada do dinheiro. Não temos, no entanto, motivos para receios alarmistas, desde que poderemos arrumar a nossa economia em outro poderoso fator de desenvolvimento: a indústria. (...) O momento é mais que oportuno para a criação de uma mentalidade industrial. Devemos pensar desde logo na formação de capitais, no estudo dos mercados, sem muito confiar em promessas simbólicas de que seremos ajudados por capitalistas de fora. Os homens que construíram a grandeza do empório comercial que foi e ainda é Campina Grande, esses mesmos homens poderão, com seu arrojo, com sua inteligência, com sua visão, lançar os fundamentos do parque industrial campinense.³⁶

A reportagem, sugestivamente intitulada “*Pensem em Indústria*” presente na página política do jornal, já tem início destacando algumas das mais curiosas personagens destacadas por esta pesquisa. Sob o nome de “observadores da vida campinense”, pode-se deduzir que estes aspectos da economia municipal não foram elencados à toa, por indivíduos que se prestaram apenas a uma observação desinteressada. Assumindo o papel destas personagens anônimas da manchete, as elites campinenses se tornam suspeitas, caso nos detenhamos em sua delicada situação: prejudicadas aos poucos pelos desvios feitos pelo capital comercial do Nordeste que não tem mais movimentado seu comércio como antes, depreciadas pelas mudanças econômicas do país. Tais observações são apresentadas pela reportagem como de interesse de todos os campinenses, “preocupados” com o progresso e desenvolvimento de seu amado município. Fica subtendido que tal visão de futuro abraçará toda a população de Campina, caso os “*construtores*” do empório comercial que caracteriza a cidade se mobilize no mesmo esforço em direção à indústria.

Sob este aspecto, nas páginas veiculadas pelo Diário da Borborema, se evidencia esse constante forjar do imaginário que se constituiu em torno da cidade,

³⁶ Diário da Borborema, Campina Grande, 18 de Outubro de 1957, p. 3.

constantes discursos de uma elite que acreditava piamente no potencial campinense e de sua população, tornando-a um verdadeiro “*centro propulsor do progresso da Paraíba*”. Nos serviços, no comércio e na produção, seu nome era motivo de inveja e admiração entre outros centros urbanos do interior nordestino. Na indústria, não poderia ser diferente. Assim como aponta a reportagem de capa do 7º caderno da primeira edição do Diário da Borborema, “*Campina Grande, porta do sertão e centro de trabalho incansável*”, publicada no dia 2 de outubro de 1957:

Em todo o Nordeste brasileiro, um nome de cidade ressoa, causando inveja e admiração a todos os centros interioranos que mais têm progredido na região. Esse nome é o de Campina Grande. Porta do sertão, centro de trabalho incansável e produtivo, a cidade de Campina Grande é a rainha incontestável do Nordeste interior. Seu florescimento, cada dia mais acentuado, é fruto do esforço de sua população ativa, valorizado por condições geoeconômicas verdadeiramente ímpares no Nordeste seco. (...) Os negócios que aqui se realizam, assumem proporções fantásticas, criando riquezas rápidas e deixando sua marca no crescimento de todas as atividades humanas na cidade. (...) Entretanto, Campina Grande acha-se apenas no início de uma fase de industrialização que poderá, em breves anos, superar as outras atividades produtivas: agricultura, comércio e serviços. Realmente, nenhuma cidade no Nordeste interior apresenta tantas e tais condições favoráveis ao crescimento industrial. Aqui se encontram em posição invejável todos os fatores para a existência de um parque industrial promissor: matérias primas e facilidade de seu acesso às fábricas pelas numerosas vias de comunicação existentes; energia elétrica abundante, certa e relativamente barata (podendo tornar-se ainda mais barato); mão de obra também abundante e de boa qualidade (sabendo-se da extraordinária capacidade dos nossos artífices e existindo estabelecimentos de preparação profissional, como o SENAI para a formação de operários e a Escola Politécnica para a preparação de técnicos de técnicos); mercado consumidor de extensão e capacidade ainda não avaliadas, mas que se presume de grandes proporções pela posição geográfica da cidade – portão do sertão, como comumente se diz, cidade-chave de uma imensa região nordestina que abrange os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, parte de Pernambuco como do Maranhão, etc.; finalmente, espírito empreendedor de seus capitalistas, o qual precisa apenas ser estimulado no sentido das sociedades anônimas, ajudadas pelos financiamentos oficiais.³⁷

O jornal Diário da Borborema ajudava a construir e fazia circular um conjunto de imagens e modelos que pretendia que fossem vivenciados por todos os

³⁷ Diário da Borborema, Campina Grande, 2 de Outubro de 1957, caderno 7, p. 1 e 4.

campinenses. Campina Grande era apresentada como a cidade progresso, a cidade modelo do Nordeste, município interiorano de destaque econômico na região. Possuía graças ao seu passado enobrecedor, todos os aparatos e promovia todos os estímulos que um centro urbano necessitava para que ali fosse desenvolvido um forte e desenvolvido setor industrial. Já até apresentava focos de indústria, mas nada que se equiparasse a outros setores da economia de Campina.

Observando a data de publicação desta registro, 1957, percebe-se que já há um incentivo formal por parte da elite local para com a indústria. O desejo de progresso já se delineava antes mesmo que o discurso desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek estampasse todas as manchetes do país. Apesar de pequena, já havia uma indústria que andava a passos pequenos e iante pelo exposto pelo Diário da Borborema, era promissora, faltando-lhe apenas estímulos financeiros e fiscais. Por outra perspectiva, a mesma reportagem mostra a necessidade de uma constante exposição de Campina Grande como um pólo economicamente forte para se investir na indústria, ganhando visibilidade diante das empresas interessadas no mercado.

A imprensa e a elite campinense apontavam para o mesmo futuro, acreditando que apenas a industria poderia manter o posicionamento de destaque de Campina Grande perante outras cidades de mesmo porte. Como aponta a reportagem “*Zonas Industriais*” presente no editorial da edição de 22 de Novembro de 1957:

Os homens empreendedores de Campina Grande acreditam, com justificadas razões, que temos aqui as melhores possibilidades para sustentar um ritmo muito mais intenso de industrialização. E de todos os lados estão surgindo idéias felizes no sentido de se criarem condições favoráveis ao surto de desenvolvimento fabril.³⁸

Em sua administração política, Campina vinha andando a passos largos promovendo seu crescimento em diversos âmbitos, passando pela educação e pela cultura, atravessando também os serviços de energia e telefonia. As gestões dos prefeiros Elpidio de Almeida e Severino Cabral durante a década de 1950,

³⁸ Diário da Borborema, Campina Grande, 22 de novembro de 1957, p.2.

colocaram a cidade nos trilhos do progresso, de acordo com o Concurso promovido pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal de 1957, apresentado pela reportagem “*Campina Grande, um dos Municípios de maior Progresso*”³⁹. Nela, ocupando toda a terceira página deste caderno, fatores como os gastos em obras públicas e serviços, gastos com energia, estradas, etc. são expostos, apontando para o tamanho investimento público para o desenvolvimento urbano.

Nessas reportagens, a *Rainha da Borborema* é representada como uma verdadeira mina de ouro para o investimento empresarial, fazendo necessário apenas as ferramentas que possibilitassem sua “*mineração*”. Tais ferramentas garimpariam o verdadeiro potencial do setor industrial campinense, tirando-o de sua incipiente situação, alcançando os parâmetros desejados para uma verdadeira *capital do trabalho*.

2.2 – “Sobre os problemas campinenses”: as necessidades básicas para o futuro da indústria campinense.

Mesmo notando todo o esforço despendido pela prefeitura em oferecer a cidade como um pólo atraente para novos negócios, percebe-se também nas reportagens do Diário da Borborema uma negação de que a Campina Grande do futuro era só progresso e desenvolvimento. A cidade tinha suas deficiências, suas carências e falhas, fossem estas observadas nas esferas de serviços como água e energia, na mão de obra não instruída ou na falta de interesse público em níveis municipais, estaduais e federais.

Observando a distribuição de água nesta época, o Diário da Borborema não apresenta uma imagem muito atraente aos objetivos industriais de sua elite. Apesar da construção do Açude do Boqueirão a recentes anos, o abastecimento de água

³⁹ Diário da Borborema, Campina Grande, 2 de Outubro de 1957, caderno 4, p. 3.

sempre é apresentado como incipiente, promovendo o terror na vida das donas de casa campinenses⁴⁰.

Sobre a energia, não há melhores condições que as do abastecimento de água. O custo alto, as condições precárias de estrutura e distribuição que dificultavam a vida da população, também não desenvolviam condições sedutoras para a instalação de novas indústrias. O editorial do jornal em tom de denúncia clamava ao governo por soluções que viabilizassem a situação.

Os homens da indústria de Campina Grande, por exemplo, pagam energia elétrica duas vezes mais cara do que no rio de Janeiro ou em São Paulo. E naquelas cidades, grandes, grandes centros industriais, o fornecimento de eletricidade é feito por empresas privadas. No Nordeste, a CHESF é a empresa mantida principalmente pelo Governo Federal, com a participação apreciável dos Estados interessados e ainda com a ajuda de capitais privados. (...) Um programa objetivo de investimentos da União no Nordeste não pode deixar de ser repisado, renovado, rediscutido no encontro dos industriais do Nordeste. Realmente, chega de tanto barulho por verbas de emergência para socorrer flagelados em tempo de seca. O Nordeste que dinheiro, mas para ser aplicado em empreendimentos básicos para o desenvolvimento regional. O problema social das secas será melhor solucionado quando a região possuir uma indústria poderosa e sólida, oferecendo emprego aos excedentes de sua população rural.⁴¹

Desta forma, observando o suprimento de água e energia para Campina no ano de 1959, somados ao desinteresse político para com as necessidades básicas de seu povo, não resta dúvida também que as necessidades de uma indústria de grande porte que ali se instalasse não seriam solucionados em tempo hábil. Assim, intitulada "*Desleixo inqualificável*", a reportagem presente no editorial da edição de 4 de Janeiro de 1959, nos fala:

Ninguém mais ignora, nesta cidade, que toda a zona urbana servida d'água pela caixa do Monte Santo não esta sendo convenientemente suprida pelo novo sistema do Açude de Boqueirão. Nessa zona continua a fazer-se racionamento com a distribuição d'água com intervalo de alguns dias. (...) O Dr. Josemir de Castro, com a visão correta que tem dos problemas do abastecimento d'água na cidade, vem pleiteando, desde que foi inaugurada a Adutora nova, um transformador para o correto funcionamento de uma moto-bomba mais possante, adquirida pelo Saneamento no Recife, pois a corrente

⁴⁰ Para isto, se observa a reportagem "*Necessário um conjunto de medidas para melhorar o nosso abastecimento d'água*" do dia 2 de Fevereiro de 1958, onde é exposta a verdadeira situação do sistema de abastecimento de Campina. Nela, o senhor Josemir Castro, atuante no setor sanitário da cidade explica que são necessárias uma verdadeira mobilização do governo público para ampliação do abastecimento. A velha estrutura já não dá mais conta de uma população em vertiginoso crescimento.

⁴¹ Diário da Borborema, Campina Grande, 4 de Fevereiro de 1959, p. 2.

nas Boninas é insuficiente para fazer funcionar o aludido conjunto elétrico. (...) Ultimamente, quando aqui esteve o eng. José Cândido Pessoa, diretor geral do DNOCS, tomou conhecimento da necessidade existente e autorizou a vinda para nossa cidade de um transformador daquele Departamento existente em Curema. (...) Acontece que foi cumprida a promessa do diretor: veio para Campina Grande o transformador e foi também autorizada a compra de uma chave que se fazia também imprescindível. Sucede, entretanto, que a situação de falta d'água do Monte Santo permanece inalterada, pois o transformador não foi instalado, apesar de se encontrar aqui há vários dias. A reportagem deste jornal foi informada de que o problema é um pouco mais complexo. Não se trata somente de instalar o transformador. Falta trazer a rede elétrica da Rua Getúlio Vargas para o Reservatório das Boninas, isto é, uma linha especial se torna necessária para o perfeito funcionamento do conjunto moto-bomba. (...) Mesmo que seja um absurdo entrar o DNOCS com a despesa para o processamento da linha, talvez ele autorizasse a compra de postes e de cabos e isoladores e demais materiais precisos, desde que manifestou o enorme desejo de satisfazer aos desejos dos campinenses em matéria de abastecimento d'água. Se ignora o pormenor o diretor geral do DNOCS, não acontece o mesmo com o Governo do Estado. Tendo a sua disposição o transformador do DNOCS, nada mais justo, nada mais imperioso, do que o Governo arcar com a despesa da montagem do mesmo, trazendo – se o caso é a falta de linha – os fios da Avenida Getúlio Vargas. (...) Francamente, é esse um desleixo inqualificável para o qual, provavelmente, não atentou ainda o Governador Pedro Gondim, tão interessado como se tem revelado em atender às reivindicações desta cidade.⁴²

A ausência do governo para solucionar problemas simples como este apontado pela reportagem, marca uma cobrança por parte do jornal. Responsabilidades assumidas por outras instituições são deixadas de lado, prejudicando o desenvolvimento de uma cidade prometida ao progresso. O destaque dado às fragilidades de Campina, revelando-os aos poderes públicos, colocam em cheque a avaliação destes governos, que perdem a confiança e o apelo destas populações. Em outra reportagem do Diário da Borborema, onde o abastecimento de água e o fornecimento de energia de Campina são dissecados, o abandono quase que “*criminoso*” da população campinense pelos poderes públicos se evidência ao assumir uma posição de destaque na última página do jornal⁴³.

⁴² Diário da Borborema, Campina Grande, 4 de Janeiro de 1959, p. 2.

⁴³ Neste momento, as principais reportagens do Diário da Borborema se faziam presentes nas primeiras e últimas páginas da edição.

O freqüente desmoronamento de postes da rede elétrica que liga o sistema de Paulo Afonso à Estação de Recalque de Vereda Grande, de onde é bombeada a água que abastece Campina Grande, vem se constituindo uma permanente ameaça à tranqüilidade dos habitantes desta cidade. Culpe-se em geral por esses incidentes a pressa com que foi construído e inaugurado, há três anos, o sistema adutor de Boqueirão a fim de servir a interesses políticos.⁴⁴

O empenho da elite local em chamar a atenção e trazer para perto de seus interesses industrializantes o poder público, se repete progressivamente nas reportagens do DB, destacando o propósito de tal processo e investimento. Resta aos políticos, atenderem a necessidade de um seguimento local que clama por indústria através da imprensa campinense. No caso, o próprio editorial do Diário da Borborema se mobiliza novamente ao escrever que:

Não é mais novidade para os responsáveis pelos destinos da comuna, como também para as suas classes conservadoras e o próprio povo, que o município campinense precisa se industrializar. Frequentemente, em círculos locais os mais variados, ouvimos essa afirmativa. Com efeito, parece não haver dúvida que já transpomos a fase comercial da cidade: mercados que se supriam comumente aqui (pelo aparecimento natural de condições próprias), estão se reabastecendo no Sul ou em outras cidades mais próximas, extinguindo-se, o que sempre foi muito importante, as conhecidas cargas de retorno, motivo da dinamização e pujança do comércio local. Também o comércio algodoeiro vem caindo sensivelmente e quase uma dezena de firmas no gênero já fecharam as suas portas. Destarte, mais do que nunca, a afirmativa tem caráter verdadeiro e requer, urgentemente, providencias lúcidas dos dirigentes comunais, antes que a outra cidade tenhamos que passar o cetro de liderança nordestina.⁴⁵

Perder o título, “*passar o cetro*” para outra cidade, marcaria a história e o orgulho de Campina de uma forma irreparável. A *Rainha da Borborema*, a *capital do trabalho*, perdendo sua importância e influência dentro do contexto regional seria inaceitável. O poder público era convocado a intervir em uma situação, que como aponta a reportagem, “*não é mais novidade*” para alguém que possui algum domínio dentro do município, seja esse político ou econômico.

⁴⁴ Diário da Borborema, Campina Grande, 15 de Janeiro de 1961, p. 8.

⁴⁵ Diário da Borborema, Campina Grande, 3 de Março de 1959, p. 2.

Neste momento de empenho, interesse e incentivo, a prefeitura de Campina muda sua atitude diante das possibilidades de indústria. A partir de pesquisas e levantamentos feitos por ela em relação às indústrias já instaladas no município, o poder municipal pretende desenvolver plenamente as potencialidades da *Rainha da Borborema*, perpetuando sua situação como “*centro adiantado da indústria paraibana*”. Na coluna nomeada “*Encruzilhadas*”, do dia 14 de Março de 1958, o professor José Stênio Lopes, fundador do SENAI na Paraíba, esclarece na reportagem “*Inquérito industrial*” que:

Vai distribuir a agência modelo de Estatísticas de Campina Grande, nos próximos dias, a todos os industriais do Município os questionários destinados à coleta dos dados referentes ao valor da nossa produção industrial em 1957. Essa pesquisa, que é anual, constitui-se uma das melhores fontes para o julgamento do processo de rendimentos de nossas indústrias, podendo-se por ela ajuizar de dois fatores de máxima importância: a) a rentabilidade dos empreendimentos; b) o aumento da produtividade. Importa, porém, que os quesitos formulados pela repartição de Estatística sejam perfeita e exatamente respondidos. Como sabem os industriais, os dados fornecidos à Estatística têm caráter restrito, não servem para efeitos fiscais. Os elementos que fornecer determinada empresa, passam a figurar nos dados globais da Estatística, desaparecendo inteiramente o informante para só ficar o dado fornecido. (...) Todas essas atitudes, que possam refletir-se na inexatidão das respostas que o censo da produção industrial requer, devem ser afastadas como prejudiciais à nossa terra. (...) Da exata informação dos industriais campinenses vai depender melhor situação de Campina Grande como centro adiantado da indústria paraibana. Precisamos ter isto em mente.⁴⁶

É preciso “*ter em mente*” que tais reportagens não medem esforços para criar um orgulho de ser campinense, de nascer e trabalhar em tal cidade representante de todo o progresso paraibano. As reportagens martelam veementemente tal idéia, objetivando os esforços de toda a população em prol do bem municipal. Assim, participar ativamente dos interesses locais se transformava numa forma de atender ao bem comum. A todos interessavam uma Campina “grande”, formosa e promissora. Esta pesquisa anunciada pelo Diário da Borborema arrastava mais ainda os campinenses para o esforço de modificar as feições

⁴⁶ Diário da Borborema, Campina Grande, 14 de Março de 1958, p. 7.

econômicas da cidade. Como aponta outra o editorial do jornal em outra reportagem de mesmo contexto e interesse:

Não se trata apenas de cumprir um mandato da lei. Não se pensa em fugir às multas que ameaçam aqueles que não prestam as informações requeridas ou as prestam com inexatidões. O que importa realmente é que cada uma compareça nos totais dos dados coletados com a força e a verdadeira expressão de sua realidade econômica através dos elementos fornecidos nos inquéritos industriais. (...) Campina Grande e a Paraíba podem surgir como mercado para investimentos, mas isto só se tornará fácil, se os estudiosos dos assuntos econômicos encontrarem em nossa cidade, como no Estado, condições favoráveis de desenvolvimento industrial, em face da rentabilidade dos capitais aplicados.⁴⁷

Ainda apelando aos números e estatísticas, a reportagem "*Cidade grande*", traz consigo dados interessantes sobre a população campinense a partir de uma pesquisa feita pelo IBGE à época. Seu crescimento vertiginoso nos últimos anos é apontado pelo editorial do jornal como sinal de progresso.

Campina Grande ultrapassou os cem mil habitantes. Foram aqui recenseados 116.803 habitantes, quando ao preenchimento dos questionários do IBGE. A população campinense deu um verdadeiro pulo. O aumento em dez anos foi de cerca de 60 por cento, o que é um despropósito. Mas explica-se esse aparente despropósito, pelas condições que a cidade passou a oferecer às populações abandonadas do interior. Com a água, abundando na verdade, de que a cidade se vem abastecendo através de um serviço ainda precário, porém incomparavelmente melhor do que tínhamos antes, parece que novamente cresceram as possibilidades de progresso de Campina Grande. (...) Nota-se, entretanto, que o crescimento de população não se vem fazendo acompanhar do aumento proporcional dos meios de produção. Não crescem as oportunidades de trabalho na mesma percentagem. (...) Ao mesmo tempo, redobram os compromissos da administração pública em relação a uma cidade que incha. Há maiores problemas de abastecimento, de transportes, de escolas, de assistência médica e sanitária, etc. Se o comércio e a indústria também crescessem, haveria compensação. Mas o aumento populacional é antes da classe pobre. Não nos consta que tenha havido melhoria nas condições econômico-financeiras. Assim, vai-se exigir mais das classes contribuintes, estas terão que arcar com mais pesados ônus, a fim de a administração atender as necessidades que se ampliam. (...) Essa gente traz força de trabalho. Mas essa força não deve ficar ociosa. Precisamos aproveitá-la e aqui intervém a ação do poder público, fomentando o

⁴⁷ Diário da Borborema, Campina Grande, 15 de Março de 1958, p. 2.

desenvolvimento das empresas privadas. Numa palavra, precisamos de industrializar nossa terra.⁴⁸

É “*preciso*” industrializar. É preciso dar trabalho a quem quer trabalhar. É preciso dar lucro a uma elite que perde seu espaço dentro de uma corrida regional onde a indústria dita os novos parâmetros. A reportagem deixa claro que Campina tem que crescer, para além de seus dados demográficos. É preciso produzir em maior proporção com que se consome. De tal modo, a indústria se mostra como a solução para os problemas de um município que em si concentra as necessidades do interior paraibano. Seu inchaço cada vez mais acentuado torna claras as fragilidades de sua economia limitada. Industrialização como o último recurso: empregos para uma população “*ociosa*”, forte impulso para a economia local, novas fontes de imposto auxiliando a prefeitura em suas responsabilidades para com a população.

2.3 – “Planejar para industrializar”: Campina rumo ao seu progresso almejado.

Com os alertas, enfoques e outros aspectos destacados pelo Diário da Borborema, há uma mobilização por parte dos poderes públicos locais. Novas atitudes para suprir as demandas infra-estruturais para realizar um aporte industrial em Campina eram pouco efetivas. Novamente, utilizando o discurso de naturalidade e pré-destinação, as reportagens do DB apontam para o desenvolvimento. A chegada de representantes nacionais de indústrias e instituições como FIEP, SESI e SENAI paulatinamente permeiam as páginas do diário. Na edição de 30 de Abril de 1958, ocupa boa parte da 8ª página.

Acompanhado de numerosa comitiva, chegará a Campina Grande hoje às onze horas, sendo alvo de significativas manifestações por parte das classes produtoras desta cidade, o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Diretor do Departamento Nacional do SESI e Presidente do Conselho Nacional do SENAI, Sr.

⁴⁸ Diário da Borborema, Campina Grande, 10 de Janeiro de 1960, p. 2.

Lídio Lunardi figura das mais representativas dos meios econômicos, financeiros e sociais do país.⁴⁹

A importância de uma visita deste vulto sinaliza um potencial tão antes exposto pelas páginas deste diário. E também para uma importante necessidade: mão de obra especializada. Para uma indústria, não se pode empregar qualquer trabalhador “ocioso” como aquele apresentado anteriormente. É necessário um trabalhador especializado, formado em áreas que atenda à demanda das indústrias que aqui funcionam ou pretendem se estabelecer. Desta forma, o SENAI aparece como principal formador de mão de obra atuante na indústria paraibana. Assim, o professor Stênio Lopes, em sua coluna “*Encruzilhadas*” nos fala:

Como se poderia traduzir o rendimento do dinheiro que os industriais entregam ao SENAI? Evidentemente, pela apresentação às fábricas e oficinas de certo número de jovens operários bem treinados num ofício útil, preparados nas Escolas mantidas por eles (os patrões). (...) A direção do SENAI achou que o caminho certo era instalar cursos básicos, isto é, cursos para a formação de operários em mecânica geral. (...) Com efeito, em qualquer indústria necessita de mecânicos para a manutenção e reparação dos maquinismos e equipamentos. (...) estará a Escola SENAI realizando um programa objetivo e eficiente para a melhoria da indústria brasileira.⁵⁰

Torna-se fundamental a atuação de tais Escolas formando operários para a indústria campinense, que aos poucos acelera seu passo rumo ao tão prometido desenvolvimento. Observa-se, contudo, que para o acesso a uma mão de obra bem qualificada em uma região onde a indústria ainda caminha a passos quase que artesanais, é necessário despender algum dinheiro, que será convertido na formação de trabalhadores jovens, dispostos a ingressarem e atuarem no mundo industrial, dando sua importante contribuição para o avanço campinense.

Por parte da FIEP, podemos observar o mesmo interesse em desenvolver uma economia que apesar de já se encaminhar, ainda engatinha se considerarmos outras regiões do país.

⁴⁹ Diário da Borborema, Campina Grande, 30 de Abril de 1958, p. 8 e 4.

⁵⁰ Diário da Borborema, Campina Grande, 8 de Novembro de 1957, p. 7.

A atual fase de expansão do movimento industrial de Campina Grande, visando a consolidar a vida econômica da cidade e inauguram uma etapa nova com o aproveitamento maior e mais racional dos recursos naturais do Nordeste, continua a ser preocupação constante das classes produtoras locais. Estamos seguramente informados que a Federação das Indústrias lançará brevemente ampla campanha, de âmbito estadual, com o fim de congregar mais os industriais em torno de seus legítimos interesses, devendo diretores daquela entidade visitar várias zonas do Estado, promovendo reuniões nas cidades mais importantes.⁵¹

Entre tais cidades, claro que Campina Grande se apresenta como destaque de uma economia surgida para crescer, brilhar e ser pivô central da economia de uma região de promessas que era o Nordeste. Não é a toa que reportagens deste tom ocupam grande parcela das páginas principais do diário. Era a mobilização de instituições públicas em prol da economia local, animando e estimulando a elite local a mover seus esforços por uma Campina Industrial.

Outro aspecto importante que sinaliza o apoio político e institucional para a industrialização da cidade é a prática de isenção de imposto que demarca um comportamento público em relação à boa parte das empresas e indústrias no Brasil até hoje. Algumas reportagens⁵² apontam neste sentido para a influência do governo federal que, com o intuito de industrializar o Nordeste atrai ao mesmo tempo indústrias estrangeiras e instiga também a mobilização de empresas estaduais e municipais.

Com o tempo, as estratégias tomadas por várias esferas da economia e poder público local lograram resultados positivos, a partir dos primeiros sinais de interesse de indústrias estrangeiras.

Viajando em avião especial estiveram nesta cidade ontem pela manhã os industriais japoneses Akira Yamamoto e Hildes Saito, em companhia do Sr. Pércio França, secretário da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul que realizam no momento uma excursão pelos Estados do Nordeste, com o fim de estudar as possibilidades de instalação de uma indústria de fiação nesta região do país. Referidos industriais logo que desembarcaram no Aeroporto João Suassuna, estiveram realizando uma visita ao Prefeito Severino Cabral, no seu gabinete de trabalho, no Palacete

⁵¹ Diário da Borborema, Campina Grande, 20 de Outubro de 1957, p. 8.

⁵² Como é o caso da reportagem "*Isenção de impostos sobre às novas indústrias*", publicada no Diário da Borborema no dia 7 de Julho de 1961.

da Prefeitura, onde se demoraram em palestra com o Governador da cidade, certificando-se das condições oferecidas por Campina Grande para instalação de uma indústria daquele tipo.⁵³

Japoneses, europeus, americanos ou industriais do Sul do próprio Brasil se animam com as possibilidades e oportunidades que se desabrocham na *Rainha da Borborema*. Aos poucos, suas estruturas fragilizadas pelo enfraquecimento do comércio do algodão e incipientes perante uma população de quase 120.000 pessoas, são reformadas, reestruturadas, ampliadas, satisfazendo também as necessidades de um processo de industrialização que ali se apetecia.

Aos poucos, outras esferas do cotidiano campinense vão a reboque deste pretenso desenvolvimento econômico, se apresentando também como aspectos de progresso e prosperidade da cidade. Culturalmente, percebemos o aparecimento de novas mídias para Campina, onde o próprio jornal Diário da Borborema junto à Rádio Borborema e, mais tarde, a Rede de Televisão Borborema, são apresentados nas reportagens do diário como “*fatores de desenvolvimento*” da cidade⁵⁴.

Campina crescia, ficava “*grande*”. Justificava seu nome perante uma região que segundo os discursos de sua imprensa e elite, orbitava em torno de sua forte economia, comércio, e agora, indústria. O “*centro*” de outrora permanecia nas mãos da verdadeira *Rainha da Borborema*. A industrialização prometida como solução para todas as mazelas dos Nordeste, e em especial, para a *capital do trabalho*, surtia um aparente efeito. Necessitava-se apenas de um verdadeiro líder para tamanho progresso.

⁵³ Diário da Borborema, Campina Grande, 6 de Julho de 1961, p. 8.

⁵⁴ Neste sentido, destacamos reportagens como “*A Rádio Borborema é um fator de desenvolvimento de Campina Grande*” do dia 2 de Outubro de 1957 e “*Televisão é fator de progresso e Campina está de parabéns*” do dia 4 de Janeiro de 1962, onde o progresso da cidade motiva ou torna como consequência, a aparelhagem de modernas instalações de mídia. As representações emolduradas pelo jornal são recebidas pela população campinense e seus homens de letras, que tomam partido diante da situação. Entende-se aqui, que é quase que *natural* tais acontecimentos, diante da economia de uma cidade em pleno progresso.

CAPÍTULO III

As visões de progresso de Newton Rique: representações jornalísticas do impulsionador da indústria campinense

3.1 – “A revolução da prosperidade”: o progresso de Campina nas palavras de um homem.

A completar 57 anos de existência, o Diário da Borborema registrou, como um fidedigno diário de Campina Grande, os acontecimentos mais marcantes da história desta cidade. Um deles, interessante a nossa pesquisa, é a cassação pela Ditadura Militar do mandato do prefeito Newton Rique, em 15 de junho de 1964, encerrando prematuramente um governo que durou não mais que sete meses, de onde surgira uma promessa de renovação das práticas administrativas municipais.

Proveniente da iniciativa privada, Rique mantinha um perfil firme, proativo, com o intuito de, em Campina Grande, implantar um governo progressista, moderno, que ia totalmente de encontro contra as práticas então correntes da política campinense e ainda hoje “populares” de clientelismo e uso político e partidário da máquina pública. Newton foi também o primeiro filho natural de Campina Grande a ser eleito pelo voto direto. Anteriores a ele, os nomes eleitos teriam sido dois areienses, Elpídio de Almeida e Plínio Lemos, e um umbuzeirense, Severino Cabral.

A principal característica que podemos destacar de Newton Rique a partir das representações jornalísticas sobre ele encontradas no DB, é o seu constante discurso de progresso, indústria e futuro, entrando em sintonia com a moldura política de Juscelino Kubitschek em âmbito nacional. Dentro do contexto campinense, Rique prometia uma verdadeira “*revolução na Serra da Borborema*”⁵⁵.

Atuante não só na política campinense, Newton também foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, além de dirigir ao lado de seu irmão o Banco Industrial de Campina Grande, onde construiu seu prestígio junto às

⁵⁵ Para este termo, nos valem da reportagem “*Newton Rique poderá fazer uma revolução na Serra da Borborema*” do dia 5 de Agosto de 1962.

chamadas “*classes produtoras*” da cidade. Neste meio, concebeu a idéia de que não havia alternativa para a *capital do trabalho* a não ser industrializar-se.

O senhor Newton Rique atendeu com solicitude a nossa reportagem afirmando inicialmente: “Creio que já está arraigado na consciência de todos os campinenses que, na atual conjuntura, Campina Grande não tem outro caminho: industrializar-se ou estacionar. A nossa capacidade de empório comercial está, evidentemente exaurida. Precisamos, inadiavelmente de uma base mais sólida e mais estável que a simples permuta de matérias primas por artigos manufaturados., para lastrear o progresso evolutivo da economia de nosso município. (...) Identifico o processo de industrialização com o próprio processo de civilização e progresso. Resta-nos esperar que os futuros dirigentes de nosso município, se apercebendo do elevado alcance da iniciativa, emprestem seu apoio à mesma a fim de que sejam plenamente atingidos seus grandiosos objetivos”.⁵⁶

Newton Rique em suas aparições no Diário da Borborema transmite sempre que possível a idéia de civilização e indústria. Nesta reportagem, ele apresenta duas alternativas para o futuro de Campina: acelerar seu processo de industrialização a partir da mobilização de todas as camadas da cidade, principalmente as camadas políticas, ou deixar seu comércio definhando-se numa prática de “*permuta*” que perde sua força a cada dia diante de um contexto econômico-regional. Aos futuros líderes municipais, é lançada a proposta de industrializar-se.

As suas opiniões a este respeito somados à sua popularidade dentro do contexto político campinense, tornam Newton Rique um dos candidatos à prefeitura de Campina no ano de 1959, onde a partir de suas influências econômicas e políticas não só dentro da cidade, mas também a níveis nacionais, tornam imaginariamente possível a revolução que há tantos anos a elite campinense ansiava.

Em seus *slogans* de campanha, se escutava frases como “*cumprirá o mandato sem descumprir as promessas*”, “*na escolha do melhor para Campina, o povo diz Newton Rique*”. Frases que em seu sentido promoviam uma verdadeira reforma no fazer político da cidade, como aponta a coluna “*Panorama político*” do dia 12 de Março de 1959:

⁵⁶ Diário da Borborema, Campina Grande, 27 de Outubro de 1959, p. 4 e 8.

O sr. Newton Rique, inovando os métodos de propagando política, está assumindo compromissos diretamente com o povo dos bairros, através de placas que são colocadas nas suas e logradouros que necessitam de beneficiamentos. Por exemplo, à rua da Independência no bairro de São Jose, foi colocada a seguinte inscrição: “Se Newton Rique for eleito calçará esta rua!”⁵⁷

Apesar de suas diferentes iniciativas como candidato à prefeitura de Campina Grande, além do apoio político de fortes nomes dentro do município, Newton perde a eleição para o seu opositor, Severino Cabral.

Mesmo longe das esferas políticas da cidade, Newton Rique nos anos de duração da gestão de Cabral, atuou na direção do BNDE e do Banco Industrial de Campina Grande, trazendo impulsos financeiros para a cidade, que via sua economia cada vez mais beneficiada por tais esforços⁵⁸. Seu prestígio com a população campinense e com várias áreas da iniciativa pública e privada animavam as esperanças e o ânimo dos correligionários de Newton Rique. Os campinenses cada vez mais desejam o futuro que Newton Rique prometia. As reportagens afirmavam cada vez mais que “*ser newtista é ser um autêntico campinense*”. Destarte, sua segunda candidatura à prefeitura de Campina se torna consequência.

Newton Rique não faz comícios pequenos. Todos são grandes, como grande é a solidariedade do povo campinense que se decidiu pela sua causa, a cruzada democrática, a jornada do bem, a luta por uma Campina Grande maior e mais feliz. Parece não haver dúvida que ser newtista é ser um autêntico campinense. É o próprio povo quem confirma, pois nem as chuvas, iguais as que caíram ontem à noite impediram que a reunião pública das forças populares e trabalhistas não tivesse o brilho e o êxito das outras já realizadas na presente campanha política.⁵⁹

Com novos esforços, mais aliados e o apoio total do povo campinense, Newton Rique conquistou até antigos inimigos políticos, onde o próprio Severino Cabral pediu à população que votasse no homem certo para o futuro grandioso de Campina. Esta, que cada vez mais próxima de seu Centenário, precisava de um

⁵⁷ Diário da Borborema, Campina Grande, 12 de Março de 1959, p. 3.

⁵⁸ Para isto, podemos observar a reportagem “*Newton Rique reclamou recursos do BNDE para o Nordeste*”, do dia 21 de março de 1963, ou a reportagem “*Trabalho de Newton no BNDE em favor do Nordeste já começa a ser reconhecido*” do dia 5 de Maio de 1963.

⁵⁹ Diário da Borborema, Campina Grande, 20 de Junho de 1959, p. 8.

líder que elevasse novamente as influências econômicas da cidade diante do cenário regional.

Para, além disso, como aponta o editorial do jornal através reportagem “*A necessidade da escolha certa*”⁶⁰, do dia 11 de Junho de 1963, tirar Campina Grande de seus crescimento apenas “*aparente*”, onde a estima de seu povo para com ela cresce bem mais que as estatísticas sobre a economia municipal. Lembrando sobre a situação da cidade naquele momento, a reportagem aponta as fragilidades deixadas pelos prefeitos antigos, onde a precária condição dos sistemas de abastecimento de água e fornecimento de energia, o saneamento básico, a falta de estímulo à industrialização, carência de escolas e obras assistencialistas, etc. estão à míngua. Ela aponta que é necessário escolher, e escolher “*certo*” aquele que trará à cidade seu antigo brilho de Rainha.

Newton Rique, portando um plano de ação⁶¹, semelhante aquele que compôs o Programa de Metas de Juscelino Kubitschek, prometia mudanças em várias esferas da sociedade: o incentivo à indústria campinense, atuação forte junto à educação e cultura, reforma na saúde municipal além da assistência competente junto às camadas mais pobres do município. Ao cada vez mais homenageado pelas instituições e sindicatos de Campina e região, e apoiado pelos expoentes mais fortes da política brasileira naquele momento como JK e o então presidente da República, João Goulart⁶², não restava outro destino, senão a vitória esmagadora na eleição pela prefeitura de Campina no ano de 1963. Com sua vitória, o ano de 1964 se transformava em um ano de esperanças e mudanças, onde a industrialização, há tantos anos anunciada, poderia vingar de vez no cenário econômico de Campina.

⁶⁰ Diário da Borborema, Campina Grande, 11 de Junho de 1963, p. 2.

⁶¹ Este que pode ser observado na reportagem “*Plano de ação do Governo Newton Rique*” do dia 10 de Agosto de 1963.

⁶² Para isto, se faz necessária a observação das reportagens “*Presidente João Goulart convocou Newton Rique para altas funções na República*” do dia 1 de Agosto de 1962 e “*Juscelino e Newton comandarão, domingo próximo, grande passeata*” do dia 1 de Agosto de 1963, ambas ocupando lugar de destaque nas primeiras páginas de suas edições.

3.2 – “Morte cívica” do líder da revolução: o castigo imposto à Newton Rique.

O ano de 1964, centenário da *Rainha da Borborema* era um ano de comemorações para o Diário da Borborema. 100 anos de progresso e trabalho que se desenrolaram até a eleição de um homem capaz de governar o município no ritmo almejado para uma cidade com tão forte história. Mas o ano de 1964 também foi um ano marcante por outros acontecimentos de âmbito nacional, que mudariam os rumos da política brasileira totalmente. Foi o advento da Ditadura Militar iniciada no dia 31 de março, fato este que atingiria a cidade de Campina Grande de forma irreparável. A mancha maior deixada neste município culminou com a cassação do prefeito Newton Rique no dia 15 de Junho de 1964. Como se observa na reportagem “*Newton e a revolução*”, escrita por Stênio Lopes em sua nova coluna “*Rosa dos ventos*”:

Foi um erro, sim, um grave erro da revolução o castigo posto a Newton. Em Campina Grande, a revolução ficou comprometida. Seus ideais, negados. Seus objetivos, frustrados. Suas esperanças, fenecidas. Mas Campina Grande não é o Brasil. E o Brasil necessitava da revolução. Sem ela caminharíamos para a derrocada da democracia. Sem ela marcharíamos para um regime incongruente, se uma ditadura pelego-sindicalista, se um redivivo Estado Novo. Sem a revolução, a corrupção administrativa continuaria como norma de governo, afundando o País e gangrenando a Nação. Mas a revolução foi uma obra humana. É uma obra humana. Portanto, obra imperfeita, sujeita aos erros, aos equívocos, às injustiças. Ela não esta sendo manipulada por anjos, mas por pessoas humanas. Injusta a punição a que submeteram Newton. A cassação de seu mandato foi um terrível equívoco. Um equívoco talvez irreparável. O afastamento de Newton do poder foi muito mais do que um episódio triste da revolução. Foi um golpe contra ela. Fizeram-na cometer um engano mortal. (...) Vi a mocidade acorrer a Newton com a tristeza amargurando-lhe as fisionomias. Mulheres chorando. Homens chorando também. Um grande silêncio pousou sobre as ruas. Nem mesmo os adversários políticos de Newton puderam alegrar-se. No íntimo de suas consciências, sentiram a perda imensa que para nós, seus amigos e colaboradores, é sobretudo uma saudade. Com a morte cívica de Newton morreram esperanças em Campina Grande. Ah! Mas se

fosse possível o milagre da ressurreição! (...) Parece um sonho. E é um pesadelo. Precisamos acordar.⁶³

Esclarecendo que a tal “revolução” a qual o texto remete, refere ao golpe da Ditadura Militar em Abril de 1964, percebe-se ao mesmo tempo uma alegria e um pesar enorme com o desenrolar dos fatos. Apesar de, atualmente, a idéia de simpatizar com o Regime Militar brasileiro pareça repreensível, à época, era visto como a solução para acabar de vez com a corrupção que prejudicava o aparato político do país. Mesmo assim, sendo observado como uma solução para o contexto político nacional, trouxe conseqüências aterradoras à *Rainha da Borborema* que assistiu, chorosa, o adeus do homem que se responsabilizaria por um progresso e prosperidade desejados para Campina Grande. Um “*equivoco irreparável*” a uma cidade que não podia fraquejar, deslizar, correr o risco de perder seu prestígio diante do contexto econômico da região. Era o fim de longos anos de expectativa e esperanças depositadas nas mãos de um único homem.

No consecutivo dia à sua cassação, antes de deixar a cidade, Newton Rique fez um pronunciamento histórico na Rádio Borborema, onde, durante 26 minutos, despediu-se de Campina Grande. “*Adeus, campinenses amigos. Parto por outros caminhos, em busca de outro destino e de outra vida. Parto na comoção obrigada de um aceno de despedida. Parto por rotas que não escolhi. E da curva da longa e sinuosa estrada que me forçam agora a percorrer, volto o meu olhar para ver os que ficam, e os meus olhos se perdem na contemplação da paisagem, que para mim se fez de angústia e saudade. Adeus, campinenses amigos! O destino que hoje nos separa talvez um dia nos reencontre*”⁶⁴, disse, tremulamente, no trecho final do seu pronunciamento.

Newton Rique e a política de Campina Grande nunca mais se encontrariam. Após o episódio, retornou à vida empresarial, sendo o fundador mais tarde da rede de shoppings “Iguatemi”. Acometido por uma meningite, morreu no dia 18 de Agosto de 1986, na cidade do Rio de Janeiro, aos 55 anos de idade.

⁶³ Diário da Borborema, Campina Grande, 16 de Junho de 1964, p. 7.

⁶⁴ *Discurso de Newton Rique à Rádio Borborema*. Campina Grande, Rádio Borborema, 16 de Junho de 1964.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da temática abordada neste estudo consideramos que os projetos e promessas de ampliação e atração de indústrias para Campina Grande se desenvolveram durante os anos de 1957 e 1964. Assim, dentro das reportagens encontradas no Diário da Borborema neste período, a indústria como promessa de progresso e desenvolvimento do município se tornou a ordem do dia dentro do discurso dos políticos, das elites e dos homens de letra.

A partir de uma análise atenta dos discursos jornalísticos que serviram para nós como fontes, foi possível perceber os limites que este discurso pode empreender dentro da sociedade campinense. Várias vezes, o discurso de promessa e melhoria se confundia com os de alerta e denuncia de uma estrutura urbana que não mais atendia as necessidades de sua população, que crescia vertiginosamente. Ao mesmo passo que o jornal busca apontar a indústria como única solução para a perda de espaço de Campina dentro do contexto econômico da região, também aponta para as várias deficiências que seus sistemas de água e luz apresentam, além da falta de mão de obra qualificada e das poucas ajudas financeiras que partiam do poder público.

Dentro do contexto nacional, observamos a atuação do presidente Juscelino Kubitschek apresentando a industrialização do país como último recurso para modernização de sua economia. Sob a ótica econômica, o Nordeste é apontado como uma região deficiente, que ameaçava o tão delicado equilíbrio proposto pelo Programa de Metas de JK. Tal região, contanto apenas com um número incipiente de indústrias, deveria ser impulsionada no intuito de alcançar outras regiões mais desenvolvidas do Brasil.

Para sanar esta deficiência, uma estratégia de mudança foi criada que com a Openo, buscaram-se novas soluções para desenvolver a economia do Nordeste atuando diretamente nas fragilidades proporcionadas pela seca. Além disso, novos incentivos financeiros foram direcionados para esta região que cada vez mais ansiou por sua industrialização.

Na Paraíba, em especial, em Campina Grande, não foi diferente. Logo, homens importantes dentro da sociedade campinense se levantaram clamando por essa indústria que solucionaria o declínio das influências da economia municipal dentro da região nordestina. Entre eles, destacamos o nome de Newton Rique, que trazia para si o ideal de industrialização como sinônimo de progresso e desenvolvimento.

Para Campina, modelo de progresso e modernização, era mais do que “natural” que sua história seguisse o mesmo ritmo de melhoria. Se o comércio e a economia de serviços não tinham tanto prestígio dentro da economia regional, a industrialização se tornava obrigatória.

A elite da cidade trazia nas edições do jornal Diário da Borborema isso como uma necessidade para toda a população. Era preciso se industrializar para que o prestígio da *Rainha da Borborema* não se perdesse juntamente com a economia do algodão. A *capital do trabalho* não poderia ficar para trás. A população campinense era cada vez mais moldada sob a fala de homens como Rique. O crescimento de sua popularidade diante da sociedade campinense fomentou o lançamento de sua candidatura no ano de 1959.

Mesmo vindo a perder tal eleição, não poupou esforços pela indústria campinense. Chamou a atenção do governo federal para o município, trouxe incentivos financeiros a partir de sua atuação no BNDS, propagou para todas as direções o potencial de sua cidade. Campina industrializada era uma promessa. E o nome de Newton Rique era cada vez mais destacado como seu executor. Em sua segunda candidatura à prefeitura de Campina no ano de 1963, recebe apoio de todos, inclusive antigos inimigos. As representações apresentadas pelo jornal deixam claro que não havia outro nome para por em prática uma “revolução” tão desejada. Sua vitória de forma esmagadora no ano de 1963, era “certa”.

Infelizmente, as esperanças foram amputadas em pouco tempo. Em menos de 7 meses de mandato, não só Campina mas todo o país recebe um duro golpe. A Ditadura Militar que deixa suas marcas até hoje na história do país, também transfigura todas as aspirações promovidas na sociedade campinense ao depor a candidatura de Newton Rique. Da mesma forma que sob seu nome um ideal de

indústria para Campina foi construído, sua deposição marcou também o quebrar de uma promessa que solucionaria os problemas campinenses. Campina perdia sua galinha dos ovos de ouro e o progresso e desenvolvimento que há tanto tempo acompanhou as descrições desta cidade, se tornavam incógnitas sob o jugo de um governo militar.

REFERÊNCIAS

Fontes

Jornal *Diário da Borborema* (1957-1964).

Artigos e livros:

BARBOSA, Maria José Lira. *Um projeto que (não) deu certo: estado desenvolvimentista e industrialização – Estudo da indústria Wallig Nordeste S/A: Campina Grande – PB*. Dissertação de Mestrado. UFPE, Recife, 1991.

BARRETO, Maria Cristina Rocha. *Imagens da Cidade: a idéia de progresso nas fotografias da cidade da Parahyba (1870-1930)*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, UFPB, 1996.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BRASIL. Lei Nº 3.692, de 15 de dezembro de 1959. Publicada no Diário Oficial da União – Seção 1 em 16 de Dezembro de 1959.

BURKE, Peter. *A Escola dos Analles (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de Doutorado. UFPB/PPGS, João Pessoa, 2007.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do Desenvolvimento - Brasil: JK - JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DIAS, Odete da Conceição. *O trabalhador no discurso fotográfico do jornal A GAZETA (1930- 1945)*. Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo, 1993.

Discurso de Newton Rique à Rádio Borborema. Campina Grande, Rádio Borborema, 16 de Junho de 1964.

FERNANDES, Silvana Torquato. *Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960-1980)*. Dissertação de Mestrado, UFCG/PPGH, Campina Grande, 2011.

FURTADO, Celso. *A operação Nordeste*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História*. 5ª reimpressão. São Paulo: Schwarcz, 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico: resultados preliminares*. Rio de Janeiro, 1960.

JUREMA, Abelardo. *Juscelino & Jango: PSD & PTB*. Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

KARNAL, Leandro e TATSCH, Flávia Galli. *A memória evanescente*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (organizadoras). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo, Ática, 1989.

LUCA, Tânia Regina. *A História dos, nos e por meio dos periódicos*. In PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MARANHÃO, Ricardo. *O governo Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MONTENEGRO, Rosilene Dias. *Juscelino Kubitschek : mitos e mitologias políticas do Brasil moderno*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. In *Estudo Históricas*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1995, Vol. 8, nº 16, p. 279-290.

_____. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUSA, Fábio Gutemberg R. Bezerra. *Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande – (1920-1945)*. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 2001.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de Doutorado. UFPE, Recife, 2002.